

# A Alma não é Pequena

100 poemas portugueses para SMS

a alma n e pkena 100 poemas pt p sms





valter hugo mãe  
Jorge Reis-Sá

# a alma não é pequena

100 poemas portugueses para sms



CENTROATLANTICO.PT

Portugal/2003

Reservados todos os direitos por Centro Atlântico, Lda.  
Qualquer reprodução, incluindo fotocópia, só pode ser feita com autorização expressa dos editores da obra.

## **A ALMA NÃO É PEQUENA**

Colecção: Soluções

Organização e selecção: valter hugo mãe e Jorge Reis-Sá

Direcção gráfica: Centro Atlântico

Revisão: Centro Atlântico

Capa: Paulo Buchinho

Imagem de capa: Gettyworks

© Centro Atlântico, Lda., 2003

Av. Dr. Carlos Bacelar, 968 - Escr. 1 - A

4764-901 V. N. Famalicão

Rua da Misericórdia, 76 - 1200-273 Lisboa

Portugal

Tel. 808 20 22 21

***geral@centroatlantico.pt***

**www.centroatlantico.pt**

Design e Paginação: Neuro Design/Nuno Almeida

Impressão e acabamento: Inova

1ª edição: Fevereiro de 2003

ISBN: 972-8426-64-X

Depósito legal: 191.913/02

O Editor licenciou junto dos autores, de forma individual, e quando representados pela Sociedade Portuguesa de Autores ou pela Assírio & Alvim, a utilização dos poemas para o presente livro. Existem alguns casos porém em que o contacto com os autores não foi conseguido pelo que agradecemos esse contacto para que possamos regularizar essas situações excepcionais.

## O tamanho

A poesia cabe em todos os diálogos, é comunicação primeira, privilegiada, pertence ao universo das coisas que criamos por definição. Não queremos imaginar um lugar fechado para ela, não existe um compartimento limitado de onde a onde a poesia vai, queremos, janelas abertas, sabê-la infiltrada no ar contagiando pertinentemente tudo o que somos e fazemos.

Recolher 100 textos da poética portuguesa, no período dos séculos XIX, XX e já XXI, é sempre matéria subjectiva, pelo que importa, desde logo, estreitar critérios que passarão, sem dúvida, pelo gosto pessoal dos organizadores mas que deverão revelar um exercício dentro de algumas tabelas. Tivemos como base os intentos da obra a concluir: a selecção de trechos que funcionem como máximas que possamos usar num SMS; a partir desta premissa de base o que procurámos fazer foi reflectir de forma correcta o panorama poético alvo incluindo os seus autores-chave. De Garrett a Cesário Verde, Pessanha a Pessoa, Régio a Sena, Ruy Belo a Melo e Castro, etc., os nomes incluídos neste percurso são o percurso, sem eles a literatura portuguesa seria radicalmente diferente o que faria de todos nós outros. Pensar esta poesia é pensar o nosso país e o mundo, é pensar um modo de pensar e fazer.

A poesia não se estreita, pelo que caber num SMS não significa que seja menor, de facto a poesia evade-se para além das palavras como um intenso odor que se alastra a partir da mais pequena gota de essência: *a alma não é pequena*, e 160 caracteres não limitam, antes propõem.

Se do século XIX retemos o lirismo denso e sofrido do romantismo, bem como a metaforização e reelaboração expressiva do simbolismo, do século XX buscamos a elasticidade da nossa modernidade, com Pessoa a desdobrar-se em vários, Régio imperativo no seu paradoxo de *ser filho* de Deus e do Diabo, Saúl Dias, Sophia, Eugénio de Andrade ou Albano Martins fazendo da escrita algo de translúcido, breve, como pequenas verdades ou essência, e vamos até aos inovadores de 50 / 60, Ramos Rosa, Gastão Cruz, Luíza Neto Jorge, Fíama, Ruy Belo, entre outros, e só paramos nos dias de hoje, com as vozes de Pedro Sena-Lino ou José Luís Peixoto, depois de passar pela beleza de Maria do Rosário Pedreira ou Jorge Melícias.

A panorâmica criada por esta antologia pretende prestar-se a ser um modo dinâmico e lúdico de contactar e conhecer a poesia portuguesa. O jogo proposto com este trabalho é acompanhado de referências bibliográficas completas sugerindo ao leitor interessado uma procura para além deste livro. Dispusemos os textos segundo a ordem estabelecida pela data de nascimento dos autores, garantindo uma leitura coerente com a temporalidade das obras e, com isso, das correntes ou épocas literárias.

Mais do que isto só o tamanho do que vai escrito em cada poema, em cada trecho proposto, uma desmesura que não cabe em lado nenhum, ou que talvez caiba apenas na alma: coisa sem fim.

valter hugo mãe e Jorge Reis-Sá

**Almeida Garrett**

(1799-1854); «Beleza», *Folhas Caídas*, Lisboa, Circulo de Leitores, 1970 ..... 16

**Alexandre Herculano**

(1810-1877); «A graça», *Antologia da Poesia Portuguesa – Vol. II*, Introdução, selecção e notas de Alexandre Pinheiro Torres, Porto, Lello & Irmão Editores, 1977 ..... 17

**Camilo Castelo Branco**

(1825-1890); «Visconde de Benalcanfor», *Nas Trevas*, Lisboa, Livraria Editora, Tavares Cardoso & Irmão, 1890 ..... 19

**Soares dos Passos**

(1826-1860); «Desalento», *Poesias*, Porto, Lello & Irmão Editores, 1984 ..... 20

**João de Deus**

(1830-1896); «Lágrima celeste», *Antologia da Poesia Portuguesa – Vol. II*, Introdução, selecção e notas de Alexandre Pinheiro Torres, Porto, Lello & Irmão Editores, 1977 ..... 21

**Antero de Quental**

(1842-1891); «Evolução», *Sonetos*, Vila do Conde – Lisboa, Centro de Estudos Anterianos / Editorial Presença, 1996 ..... 23

**Gomes Leal**

(1848-1921); «Risadas», *Antologia Poética*, Lisboa, Rolim, s/d ..... 24

**Guerra Junqueiro**

(1850-1923); «Adoração», *Antologia da Poesia Portuguesa – Vol. II*, Introdução, selecção e notas de Alexandre Pinheiro Torres, Porto, Lello & Irmão Editores, 1977 ..... 25

**Cesário Verde**

(1855-1886); «Arrojos», *O Livro de Cesário Verde*, Lisboa, Editorial Minerva, s/d ..... 26

**António Nobre**

(1867-1900); «Balada do caixão», *Antologia da Poesia Portuguesa – Vol. II*, Introdução, selecção e notas de Alexandre Pinheiro Torres, Porto, Lello & Irmão Editores, 1977 ..... 27

**Camilo Pessanha**

(1867-1926); «Paisagens do Inverno – I», *Clepsidra*,  
Coimbra, A Mar Arte, 1994 . . . . . 28

**Ângelo de Lima**

(1872-1921); «[Para-me de repente o pensamento]»,  
*Poesia*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1996 . . . . . 29

**Augusto Gil**

(1873-1929); «Cantigas», *Versos*, Lisboa, Portugalíia, 1956 . . . . 30

**Teixeira de Pascoaes**

(1877-1952); «Elegia do amor», Para a Luz. Vida Etérea.  
Elegias. O Doido e a Morte, Lisboa, Assírio & Alvim, 1999 . . . 32

**António Corrêa d'Oliveira**

(1879-1960); «Palavras leva-as o vento», *Redondilhas*,  
Porto, Livraria Figueirinhas, 1948 . . . . . 36

**Ricardo Reis**

(1887-); «Ode», *Poesia*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2000 . . . . . 37

**Fernando Pessoa**

(1888-1935); «Nevoeiro», Mensagem, Lisboa, Assírio  
& Alvim, 1997 . . . . . 38

**Alberto Caeiro**

(1889-1915); «O Guardador de Rebanhos - XXIV»,  
*Poesia*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2001 . . . . . 39

**Álvaro de Campos**

(1890-); «Escrito num navio abandonado em viagem»,  
*Poesia*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2002 . . . . . 40

**Mário de Sá-Carneiro**

(1890-1916); «Fim», *No Lado Esquerdo da Alma*,  
Coimbra, Alma Azul, 2000 . . . . . 41

**José de Almada Negreiros**

(1893-1970); «[O que hoje aprendi para dizer-me]»,  
*Poemas*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2001 . . . . . 42

**Américo Durão**

(1893-1972); «Das Horas», *Tântalo*, Lisboa, 2.<sup>a</sup> ed.,  
edição do autor, 1946 . . . . . 43

**Florbela Espanca**

(1894-1930); «Amar!», 'Charneca em Flor', *Sonetos*,  
Lisboa, Bertrand Editora, 1982 . . . . . 44

<b>António Botto</b> (1897-1959); «[É difícil na vida achar alguém]», 'Os Sonetos', <i>As Canções de António Botto</i> , Lisboa, Livraria Bertrand, 14. <sup>a</sup> ed., s/d. . . . .	45
<b>Edmundo Bettencourt</b> (1899-1973); «Canção», 'Ligação', <i>Poemas de Edmundo Bettencourt</i> , Lisboa, Assírio & Alvim, 1999 . . . . .	46
<b>José Gomes Ferreira</b> (1900-1985); «II», 'Cidade Intacta', <i>Poesia V</i> , Lisboa, Portugália, 1973 . . . . .	47
<b>Vitorino Nemésio</b> (1901-1978); «Para que me deixem», 'O Bicho Harmonioso', <i>Poesia (1935-1940)</i> , Lisboa, Bertrand Editora, 1986 . . . . .	48
<b>José Régio</b> (1901-1969); «Cântigo Negro», <i>Poemas de Deus e do Diabo</i> , V. N. Famalicão, Quasi Edições, 2002 . . . . .	51
<b>Saúl Dias</b> (1902-1983); «Sangue», 'Sangue', <i>Obra Poética</i> , 3. <sup>a</sup> ed., Porto, Campo das Letras, 2001 . . . . .	53
<b>Pedro Homem de Mello</b> (1904-1984); «Verdade», <i>Príncipe Perfeito</i> , Lisboa, Edições Gama, 1945 . . . . .	54
<b>António Gedeão</b> (1906-1997); «Pedra Filosofal», <i>Poesias Completas (1956-1967)</i> , Lisboa, 1971. . . . .	55
<b>Adolfo Casais Monteiro</b> (1908-1972); «Praia», 'Confusão', <i>Versos</i> , Lisboa, Edições Inquérito, 1944 . . . . .	57
<b>Ruy Cinatti</b> (1915-1986); «Lembranças...», <i>Archeologia ad usum Animae</i> , Lisboa, Editorial Presença, 2000 . . . . .	58
<b>Sophia de Mello Breyner Andresen</b> (1919-); «Promessa», <i>Dia do Mar</i> , Lisboa, Edições Ática, 1961 . . . . .	59
<b>Jorge de Sena</b> (1919-1978); «La Tour de Carol, nos Pirenéus», <i>Peregrinatio ad Loca Infecta</i> , Lisboa, 1969 . . . . .	60

**Sidónio Muralha**

(1920-1980); «Certeza», *Companheira dos Homens*,  
Lisboa, edição do autor, 1950 ..... 61

**Raul de Carvalho**

(1920-1984); «[Graças a Deus que eu morro]»,  
*Elsinore*, Porto, Brasília Editora, 1980 ..... 62

**Carlos de Oliveira**

(1921-1981); «Soneto castelhano de Camões»,  
‘Terra de Harmonia’, *Trabalho Poético*, Lisboa, Círculo  
de Leitores, 2001 ..... 63

**Egito Gonçalves**

(1922-2001); «[Uma declaração de amor não  
é acontecimento do]», *O Mapa do Tesouro*, Porto, Campo  
das Letras, 1998 ..... 64

**Natália Correia**

(1923-1993); «Do sentimento trágico da vida», ‘Poemas’,  
*O Sol nas Noite e o Luar nos Dias I*, Lisboa, Círculo  
de Leitores, 1993 ..... 65

**Alexandre Pinheiro Torres**

(1923-1999); «Escapade», *A Terra de Meu Pai*, Lisboa,  
Plátano Editora, 1972 ..... 66

**António Ramos Rosa**

(1923); «[É por ti que escrevo que não és musa nem  
deusa]», ‘O Teu Rosto’, *Antologia Poética*, Lisboa,  
Publicações Dom Quixote, 2001 ..... 67

**Eugénio de Andrade**

(1923); «IX. Madrigal», ‘As Mãos e os Frutos’, *Poesia*,  
Porto, Fundação Eugénio de Andrade, 2000 ..... 68

**Alexandre O’Neill**

(1924-1986); «Um adeus português», ‘No Reino da  
Dinamarca’, *Poesias Completas*, Lisboa, Assírio  
& Alvim, 2000. .... 69

**Daniel Filipe**

(1925-1964); «6», *A Invenção do Amor*, Lisboa,  
Editorial Presença, 1988 ..... 71

**Victor Matos e Sá**

(1927-1975); «[Quando os teus olhos absorvem]»,  
*Companhia Violenta*, Coimbra, Centelha, 1980 ..... 72

**António Maria Lisboa**

(1928-1953); «Z», *Poesia*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1995 . . . . . 73

**Fernando Guimarães**

(1928); «[O poema nasce]», 'A Face Junto ao Vento', *Poesias Completas Vol. I: 1952-1988*, Porto, Edições Afrontamento, 1994 . . . . . 74

**Fernando Echevarría**

(1929); «[Por fim, era a lavoura que lhe retinha os anos]», *Geórgicas*, Porto, Edições Afrontamento, 1998 . . . . . 75

**Isabel Meyrelles**

(1929); «[Tu já me arrumaste no armário dos restos]», *O Rosto Deserto*, Lisboa, edição da autora, 1966 . . . . . 76

**Albano Martins**

(1930); «[Não sei que mistério]», 'Secura Verde', *Assim São as Algas*, Porto, Campo das Letras, 2000 . . . . . 77

**Eugénio Lisboa**

(1930); «A capital da memória – I», *A Matéria Intensa*, Lisboa, Peregrinação, 1985 . . . . . 78

**E. M. de Melo e Castro**

(1932); «[de amor se faz amor]», 'Resistência das Palavras', *Círculos Afins*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1977 . . . . . 79

**Cristóvam Pavia**

(1933-1968); «[Os candeeiros flutuam, líricos, na névoa.]», '35 Poemas', *Poesia*, Lisboa, Moraes Editores, 1982 . . . . . 80

**António Osório**

(1933); «[Um anel te dei]», 'O Lugar do Amor', *O Lugar do Amor e Décima Aurora*, Lisboa, Gótica, 2001 . . . . . 81

**Ruy Belo**

(1933-1978); «POVOAMENTO», 'Aquele Grande Rio Eufrates', *Todos os Poemas*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2000 . . . . . 82

**Pedro Tamen**

(1934); «[Tenho uma coisa para te entregar]», 'Escrito de Memória', *Retábulo das Matérias (1956-2001)*, Lisboa, Gótica, 2001 . . . . . 83

**Manuel Alegre**

(1936); «Teoria do amor», 'Sonetos do Obscuro Quê', *Obra Poética*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1999 . . . . . 84

**Alberto Pimenta**

(1937); «A individualidade do meu geral»,  
 'O Labirintodonte', Obra Quase Incompleta, Lisboa,  
 Fenda, 1990 ..... 85

**Fernando Assis Pacheco**

(1937-1995); «Com a tua letra», 'Cuidar dos Vivo',  
*A Musa Irregular*, Porto, Edições Asa, 1997 ..... 86

**Maria Teresa Horta**

(1937); «Sem ti», *Só de Amor*, Lisboa, Quetzal  
 Editores, 1999 ..... 87

**Armando Silva Carvalho**

(1938); «A Outra Banda», *Lisboas*, Lisboa, Quetzal  
 Editores, 2000 ..... 88

**Fiama Hasse Pais Brandão**

(1938); «Da voz das coisas», *As Fábulas*, Vila Nova  
 de Famalicão, Quasi Edições, 2002 ..... 90

**Luiza Neto Jorge**

(1939-1989); «Baixo Relevo», 'Os Sítios Sitiados',  
*Poesia*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1993 ..... 91

**Sebastião Alba**

(1940-2000); «[Como na cabina rangente de um velho  
 navio]», 'A Noite Dividida', *A Noite Dividida*, Lisboa,  
 Assírio & Alvim, 1996 ..... 92

**Gastão Cruz**

(1941); «Contrato», *Crateras*, Lisboa, Assírio & Alvim,  
 2000 ..... 93

**Inês Lourenço**

(1942); «Rua de Camões», 'Cicatriz 100%', *Um Quarto  
 com Cidades ao Fundo*, V. N. Famalicão, Quasi Edições,  
 2000 ..... 94

**Vasco Graça Moura**

(1942); «ó meu amor, não te atrases», 'letras do fado  
 vulgar', *Poesia 1997/2000*, Lisboa, Quetzal Editores,  
 2000 ..... 96

**Manuel António Pina**

(1943); «O lado de fora», 'O Caminho de Casa', *Poesia  
 Reunida*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2001 ..... 97

**José Alberto de Oliveira**

(1945); «[teu olhar de infância]», *A Água do Nome*,  
Porto, Edições Afrontamento, 1998 ..... 98

**Al Berto**

(1948-1997); «Lunário» (excerto), *Lunário*, Lisboa,  
Assírio & Alvim, 1999 ..... 99

**José Agostinho Baptista**

(1948); «Palavras», *Agora e na Hora da Nossa Morte*,  
Lisboa, Assírio & Alvim, 1998 ..... 100

**Eduardo Pitta**

(1949); «[E só agora]», 'Um Cão de Angústia Progride',  
*Marcas de Água*, Lisboa, Imprensa Nacional –  
Casa da Moeda, 1999 ..... 101

**Nuno Júdice**

(1949); «Rotação», *Pedro, Lembrando Inês*, Lisboa,  
Publicações Dom Quixote, 2001 ..... 102

**Luís Filipe Castro Mendes**

(1950); «Gestos», *A Ilha dos Mortos*, Lisboa,  
Quetzal Editores, 1991 ..... 103

**Rosa Alice Branco**

(1950); «Dia de Aniversário», *Da Alma e dos Espíritos*  
*Animais*, Porto, Campo das Letras, 2001 ..... 104

**Carlos Poças Falcão**

(1951); «32», *Nuvem*, Guimarães, Pedra Formosa, 2000 ..... 105

**Carlos Saraiva Pinto**

(1952); «[atravesso o bosque]», *Escrever foi um engano*,  
Porto, O correio dos navios, 2000 ..... 106

**Ana Luísa Amaral**

(1956); «As pequenas gavetas do amor», *Imagias*, Lisboa,  
Gótica, 2002 ..... 107

**Luís Miguel Nava**

(1957-1995); «Só para mim», 'Rebentação',  
*Poesia Completa 1979-1994*, Lisboa, Publicações  
Dom Quixote, 2002 ..... 108

**Jorge de Sousa Braga**

(1957); «[A borboleta que poisou]», *Fogo Sobre*  
*Fogo*, Lisboa, Fenda, 1998 ..... 109

**Luís Adriano Carlos**

(1957); «Acróstico», *Livro de Receitas*, Porto, Campo das Letras, 2000 . . . . . 110

**Maria do Rosário Pedreira**

(1959); «[Quando eu morrer não digas a ninguém que foi por ti]», *O Canto do Vento nos Ciprestes*, Lisboa, Gótica, 2001 . . . . . 111

**Adília Lopes**

(1960); «Louvor de Andersen e de Boccaccio», *O Peixe na Água*, Lisboa & etc., 1993 . . . . . 112

**Daniel Maia-Pinto Rodrigues**

(1960); «Mais tarde do que a noite», *A Sorte Favorece os Rapazes*, Porto, Cadernos do Campo Alegre, 2001 . . . . . 113

**Fernando Pinto do Amaral**

(1960); «Segredo», *Às Cegas*, Lisboa, Relógio D'Água, 1997 . . . . . 114

**Francisco Duarte Mangas**

(1960); «[A água é tão límpida]», *Pequeno Livro da Terra*, Lisboa, Teorema, 1996 . . . . . 115

**Francisco José Viegas**

(1962); «Diriam de nós», 'Caligrafias', *Metade da Vida*, Vila Nova de Famalicão, Quasi Edições, 2002 . . . . . 116

**José Tolentino Mendonça**

(1965); «Uma coisa a menos para adorar», *Baldios*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1999 . . . . . 117

**João Luís Barreto Guimarães**

(1967); «15», 3, Lisboa, Gótica, 2001 . . . . . 118

**Jorge Melícias**

(1970); «[Extasiados, os animais detêm-se ao longe,]», *Iniciação ao Remorso*, Coimbra, A Mar Arte, 1998 . . . . . 119

**Daniel Faria**

(1971-1999); «Sei bem que não mereço um dia entrar no céu», *Explicação das Árvores e de Outros Animais*, Porto, Fundação Manuel Leão, 1998 . . . . . 120

**Beatriz Reina**

(1971); «[Sinto que podia escrever o mar sobre os nossos]», *O Meu Amor no Teu Coração*, Vila Nova de Famalicão, Quasi Edições, 1999 . . . . . 121

**valter hugo mãe**

(1971); «[as garças já não passam]», *três minutos antes de a maré encher*, V. N. Famalicão, Quasi Edições, 2000 . . . . . 122

**José Mário Silva**

(1972); «O teu olhar sustenta o céu imenso», *Nuvens & Labirintos*, Lisboa, Gótica, 2001 . . . . . 123

**Pedro Mexia**

(1972); «Eu amo», *Avalanche*, Vila Nova de Famalicão, Quasi Edições, 2001 . . . . . 124

**Joaquim Cardoso Dias**

(1973); «O Preço das Casas», *O Preço das Casas*, Lisboa, Gótica, 2002 . . . . . 125

**José Luís Peixoto**

(1974); «[mãe, cada palavra que me ensinaste (...)]», *A Casa, a Escuridão*, Lisboa, Temas e Debates, 2002 . . . . . 126

**Jorge Reis-Sá**

(1977); «[a cadeira está vazia, um corpo ausente]», *A Palavra no Cimo das Águas*, Porto, Campo das Letras, 2000 . . . . . 127

**Pedro Sena-Lino**

(1977); «[peregrinação]», *Constelação dos Antípodas*, Lisboa, Litera Pura, 2000 . . . . . 128



**Vem do amor a Beleza,  
Como a luz vem da chama.  
É lei da natureza:  
Queres ser bela? – ama.**

Formas de encantar,  
Na tela o pincel  
As pode pintar;  
No bronze o buril  
As sabe gravar;  
E estátua gentil  
Fazer o cinzel  
Da pedra mais dura...

Mas Beleza é isso? – Não; só formosura.

Sorrindo entre dores  
Ao filho que adora  
Inda antes de o ver,  
– Qual sorri a aurora  
Chorando nas flores  
Que estão por nascer –

A mãe é a mais bela das obras de Deus.  
Se ela ama! – O mais puro do fogo dos céus  
Lhe ateia essa chama de luz cristalina:

É a luz divina  
que nunca mudou,  
É luz ... é a Beleza  
Em toda a pureza  
Que Deus a criou.

Que harmonia suave  
É esta, que na mente  
Eu sinto murmurar,  
Ora profunda e grave,  
Ora que faz chorar?  
Porque da morte a sombra,  
Que para mim em tudo  
Negra se reproduz,  
Se aclara e desassombra  
Seu gesto carrancudo,  
Banhada em branda luz?  
Porque no coração  
Não sinto pesar tanto  
O férreo pé da dor,  
E o hino da oração,  
Em vez de irado canto,  
Me pede íntimo ardor?

És tu, meu anjo, cuja voz divina  
Vem consolar a solidão do enfermo,  
E a contemplar com placidez o ensina  
De curta vida o derradeiro termo?



Oh! Sim! **és tu, que na infantilidade,  
Da aurora à frouxa luz,  
Me dizias: – “acorda, inocentinho,  
Faze o sinal da cruz.”**

És tu que eu via em sonhos, nesses anos  
De inda puro sonhar  
Em nuvem d'ouro e púrpura descendo  
Co'as roupas a alvejar.  
És tu, és tu ! que ao pôr do sol, na veiga,  
Junto ao bosque fremente,  
Me contavas mistérios, harmonias  
Dos céus, do mar dormente.  
És tu, és tu! que, lá, nesta alma absorta

Modulavas o canto,  
Que de noite, ao luar, sozinho erguia  
Ao Deus três vezes santo.  
És tu, que eu esqueci na idade ardente  
Das paixões juvenis,  
E que voltas a mim, sincero amigo,  
Quando sou infeliz.

Sinto a tua voz de novo,  
Que me revoca a Deus;  
Inspira-me a esperança,  
que te seguiu dos céus!...



**O teu pénis  
é o rouxinol  
que canta  
e adeja  
nas minhas mãos  
em mim  
e que posso beijar**

(o meu conto favorito do *Decameron* é o V, 4)